



Arpilleras (Anônima), *Queremos democracia*, fins da década de 1980. Chile. Acervo Sean Carroll, Estados Unidos.

3 Artigo

O futuro do capitalismo pós-pandemia: sobreacumulação e desmedida na encruzilhada do século XXI

Rodrigo de Araujo Merida Sanches¹

Resumo // O artigo definiu por objetivo analisar como a crise de sobreacumulação e o fenômeno da desmedida, intrínsecos ao modo de produção capitalista, se manifestaram e foram intensificados no contexto da pandemia da Covid-19. O artigo foi estruturado por uma primeira seção que revisita os conceitos marxistas de sobreacumulação e desmedida, para então compreender a atual conjuntura. Em seguida, abordamos a relação entre a sociabilidade capitalista, o neoliberalismo e o surgimento e propagação de novos vírus, destacando as consequências econômicas, políticas e sociais da pandemia. Concluímos a exposição afirmando que o momento pós-pandêmico, embora marcado por crises e desafios, também apresenta potencialidades revolucionárias, com os movimentos sociais emergindo como protagonistas essenciais na busca por uma nova sociabilidade que desafie e supere as contradições do capitalismo.

Palavras-chave // Sobreacumulação; Desmedida; Crise.

1 Pesquisador das contradições de raça e classe no Brasil e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo. Integra o Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação da USP (CELACC/USP), no grupo de estudos sobre “Opressões, Existências e Resistências”, e faz parte do Grupo de Pesquisa “Crítica do Direito e Subjetividade Jurídica”, da Faculdade de Direito da USP.

1. Introdução

Após a dolorosa e traumática crise sanitária advinda com o surgimento do novo coronavírus, o capitalismo ensaia sua nova transformação, a crise econômica global e a pandemia da Covid-19 emergem como dois fenômenos interligados que revelam as profundas contradições e fragilidades do modo de produção capitalista. Desde a década de 1970, o capitalismo tem enfrentado desafios crescentes, com crises recorrentes que expõem suas vulnerabilidades intrínsecas. A sobreacumulação e a desmedida, conceitos centrais da teoria marxista, fornecem uma lente crítica para entender essas crises e suas implicações para a sociedade contemporânea.

A pandemia, por sua vez, não é apenas uma crise sanitária, mas também um reflexo e um catalisador das contradições do capitalismo, intensificando as desigualdades sociais e econômicas e expondo a insustentabilidade do sistema atual. Neste contexto, é imperativo revisitar os conceitos marxistas para compreender a natureza da crise atual e as possibilidades de transformação social e econômica. Esta análise busca, portanto, explorar a inter-relação entre a crise econômica, a pandemia e a lógica de acumulação do capital, lançando luz sobre os desafios e potencialidades da luta de classes no momento presente.

Para tanto, dividimos a exposição do artigo da seguinte forma: na primeira parte realizamos uma revisão teórica sobre os conceitos de sobreacumulação e desmedida, para embasar nossa discussão. Já na segunda parte destacamos a relação entre a sociabilidade capitalista, o neoliberalismo e o surgimento e propagação de novos vírus, destacando as consequências econômicas, políticas e sociais da pandemia de Covid-19. Por fim, concluímos a discussão delineando perspectivas para o futuro do modo de produção capitalista em um contexto de pós-pandemia e da luta política dos movimentos sociais.

2. Sistema de conceitos e contexto histórico

Para entendermos a crise atual pela qual passa o sistema econômico global – e o modo de produção capitalista em sua fase pós-fordista – devemos revisar brevemente alguns conceitos de Marx sobre as crises do capital. Esses conceitos são fundamentais para a compreensão da lógica de acumulação do capital e de como essa lógica, que em determinado momento desemboca em uma crise de

acumulação, é responsável pela desarticulação produtiva em um momento de crise estrutural do modo de produção capitalista (Mascaro, 2020, *passim*).

O marxismo é um sistema de conceitos complexos, uma teoria científica utilizada para interpretar a sociedade humana – especificamente em seu momento capitalista, mas não só – e suas múltiplas determinações (Boito Júnior, 2014). Segundo Boito Júnior (2014, p. 158) o marxismo:

[...] É uma teoria da sociedade e da história e, como tal, produz conceitos gerais e conceitos específicos, situados em diferentes níveis de abstração, que compõem uma teoria que busca ser sistemática, distingue-se da análise empírica concreta e é instrumento, sujeito a retificações, para a realização dessa análise.

Os conceitos gerais são utilizados para a interpretação de fenômenos sociais com um nível de abstração maior, como no caso da análise produzida por este artigo, o conceito de modo de produção é um exemplo desse caso, ele se aplica a toda sociedade do século XXI, que está sob a predominância das formas sociais capitalistas. Nesse sentido, os efeitos de uma crise no modo de produção podem ser sentidos em escala global, generalizada, mas com cada realidade particular absorvendo esses efeitos de sua forma específica.

Para compreender o contexto de crise em um nível mais geral de abstração, dois conceitos surgem com fundamental importância na teoria marxista: desmedida e sobreacumulação. O fenômeno da desmedida ocorre quando o capital tenta excluir o trabalho do processo de produção de valor – perdendo a capacidade de medir seu valor. No entanto, para Marx, o capital sempre depende do trabalho para criar valor. A tentativa de excluir o trabalho é, portanto, uma contradição que pode levar a crises.

Grespan (2021, p. 65-66) detalha o conceito de crise em Marx, mostrando como esse fenômeno é a manifestação do aspecto negativo inerente da oposição entre capital e trabalho:

[...] Ao excluir de si a fonte do valor e da valorização, o capital opõe-se a si mesmo em uma contradição paralisante. Nesses momentos, ocorre uma desvalorização do capital existente que contraria a definição do capital como valor que se valoriza e compromete a base de seu crescimento, negando as condições de sua existência.

Essa “contradição paralisante” que detalha Grespan é o cerne da crise econômica. Foi o que começou a ocorrer a partir da década de 1970 com o processo de desvalorização do trabalho humano e substituição pela maquinaria avançada, processo esse que daria início ao período que denominamos hoje por “pós-for-dismo” (Mascaro, 2013, *passim*). No entanto, é importante notar que o pós-for-dismo é mais frequentemente associado a mudanças na organização da produção e do trabalho, enquanto o neoliberalismo se refere a uma ideologia política e econômica que enfatiza a desregulamentação, a financeirização, a privatização e a livre iniciativa (Mascaro, 2013, *passim*; Grespan, 2009; Grespan, 2021).

“De fato, o capital não cria valor, uma vez que ele mesmo é valor. Marx ressalta que somente o trabalho pode criar valor” (Grespan, 2021, p. 48). Porém, através da inversão da realidade aplicada pelo capital, a representação capitalista manifesta uma imagem contrária à realidade (Marx, 2017a, p. 659), pregando em sua ideologia dominante que quem produz valor é a classe capitalista. Ao proceder dessa forma, o capital tenta excluir o trabalho do processo produtivo – fonte do valor – e perde a capacidade de medir seu valor, se desvalorizando e desencadeando a crise. A desmedida é o primeiro momento da crise do modo de produção capitalista (Grespan, 2021).

Desencadeado o fenômeno da desmedida, a crise só pode ser estancada com a retomada da produção de valor pelo trabalho, como medida de valor do capital. No entanto, isso não ocorreu com o avançar das décadas de 80 e 90. A elite econômica mundial – liderada por EUA e Europa Ocidental – investiu em um processo de financeirização da economia, tanto em suas dinâmicas internas quanto na de outros países, exercendo sua dominância sobre as nações que passavam por um processo de reconstrução política, social e econômica – como o caso do Brasil – para uma guinada neoliberal, com privatizações em todos os setores e retirada do Estado como agente indutor do desenvolvimento econômico (Grespan, 2009).

Nesse contexto, a crise se torna uma realidade inevitável, incontornável, um processo sem volta (Grespan, 2021, p. 70). Em uma tentativa de manter a representação viva e sustentar as formas sociais capitalistas nesse momento de crise e contradição aguda, o capital estabelece a taxa de lucro como forma de medir a sua valorização, esse é o auge da financeirização e do neoliberalismo imperante no final do século XX. O mercado financeiro domina o planejamento econômico e também a representação da realidade, o objetivo é o lucro sem produção material

de valor pelo trabalho, segundo sua lógica, quem produz valor agora são as bolsas de valores e suas atividades especulativas, não mais o trabalho material, a partir daí, a oposição entre capital e trabalho é irreconciliável.

Segundo Grespan (2021, p. 72):

[...] A medida formal e fetichista do lucro sobre os custos totais opõe-se à medida real da criação de excedente de valor pela força de trabalho e configura uma oposição de medidas, isto é, uma desmedida. Por mais que os capitalistas tentem resolver o impasse reduzindo seus custos, eles tendem a reduzir custos seja pela demissão de trabalhadores e corte de salários, seja pela diminuição dos salários e encargos trabalhistas dos ainda empregados. Em ambos os casos, as condições que levam à queda da taxa de lucro se reproduzem. Forma-se um círculo vicioso cujo resultado é desestimular novos investimentos e desvalorizar o capital existente no que diz respeito tanto aos meios de produção quanto à mão de obra, com demissões em massa.

Com isso, a financeirização se torna uma realidade dominante, o fetiche e a representação operados pela especulação financeira dominam a lógica capitalista e se tornam o norteador da valorização do capital. Aqui cabe a explicação do fenômeno da sobreacumulação de capital. O capital que não cresce, deixa de ser capital (Marx, 2017b, *passim*; Grespan, 2009, p. 13), portanto, o objetivo do capitalismo é a acumulação, o lucro, isso é uma lógica universal desse modo de produção. Mas, como sujeito autônomo, o capital cresce descontroladamente², e em sua fase pós-fordista esse crescimento é ainda mais descontrolado, pois ele não conta com a participação do trabalho humano, é um crescimento desmedido, sem base real, assim se dá a crise de sobreacumulação na virada do século.

Grespan (2009, p. 12) define sobreacumulação como um “movimento fundamental” em que o capital “se desvia para outras aplicações por não obter valorização suficiente nas esferas produtivas tradicionais”. Ou seja, a crise de sobreacumulação é o resultado material da oposição entre capital e trabalho, da diferença entre realidade material na produção de valor e na forma como o capitalismo

2 Ainda segundo Grespan (2009, p. 13): “o impulso original dessa totalidade pretendida pelo ‘valor que se valoriza’ desconhece quaisquer razões e limites externos, inclusive os do consumo social das mercadorias produzidas; é a necessidade primária de avançar, ‘progredir’, acumular-se”.

apresenta essa produção, tentando excluir, portanto, o trabalho humano do processo produtivo e invertendo a realidade, colocando a si próprio como produtor de valor e gerando a desmedida.

A teoria da sobreacumulação é a que explica todo o processo histórico de crise pelo qual passou o modo de produção capitalista desde o início do período pós-fordista até os dias atuais. Grespan (2009, p. 13-14) resume o processo de crise de acumulação capitalista da seguinte forma:

[...] em um determinado nível tecnológico a acumulação de capital se dá pela absorção de força de trabalho, levando a uma elevação dos salários e consequente redução da taxa de lucro. Isso é que força o sistema a revolucionar de modo radical a tecnologia dos meios de produção, em grande parte para poder substituir trabalhadores por esses novos meios e assim tentar recompor a taxa de lucro. Só que dessa forma aumenta a composição orgânica do capital e se estreita a base de valorização do valor.

Como o capital se sustenta em uma ideia invertida da realidade, ele vai tentar recompor a taxa de lucro investindo em tecnologia e tentando excluir o trabalho do processo, mas esse processo não gera valor e só pode se sustentar a curto prazo. Para essa sustentação imediata, ou seja, para a manutenção das taxas de lucro e de acumulação de capital, o capital optou como alternativa operar a especulação financeira global, tentando excluir o setor produtivo do comando do modo de produção.

Portanto, a sobreacumulação, conforme delineada por Marx e discutida por Grespan (2009; 2021), refere-se ao fenômeno em que o capital acumulado excede as oportunidades de investimento lucrativo, levando a uma estagnação dos investimentos e a uma queda na taxa média de lucro. Este processo é intensificado pelo impulso desmedido do capital em se valorizar, onde a busca incessante por lucro supera as capacidades reais de consumo e produção. Desde a década de 1970, o sistema capitalista tem enfrentado um problema persistente de sobreacumulação, marcado por crises econômicas recorrentes e tentativas de recompor a taxa geral de lucro. A crise de 2008 pode ser vista como um ápice desse processo, onde o domínio da esfera produtiva pelo setor financeiro, com sua lógica de preços fictícios exacerbou as contradições inerentes ao capitalismo, culminando em uma crise econômica de proporções globais (Grespan, 2009; Mascaro, 2020).

Esse estágio da crise também destaca a natureza cíclica e recorrente das crises no capitalismo (Grespan, 2021). A solução temporária encontrada pelo sistema para superar essa crise é a destruição de parte do capital excedente, seja através de falências, seja através de guerras ou outras formas de destruição. Esta “solução” prepara o terreno para a próxima fase de expansão, mas também semeia as sementes para a próxima crise. A pandemia de Covid-19 serviu ao capital nesse sentido, reorganizou toda a cadeia produtiva global.

Esse momento ilustra a contradição fundamental do capitalismo: a capacidade do sistema de produzir riqueza é ao mesmo tempo sua maior fraqueza, pois leva inevitavelmente a crises de sobreprodução. Percebemos, portanto, que as crises não são anomalias, mas sim características intrínsecas do modo de produção capitalista (Mascaro, 2020; Grespan, 2021; Mascaro, 2022).

O capital opera, assim, seu último ato para a manutenção da acumulação desenfreada, mas a contradição do sistema e seu aspecto negativo, ou seja, a desmedida gerada pela tentativa de excluir o setor produtivo na criação de valor, atinge níveis destrutivos e irreversíveis para o próprio modo de produção, gerando crises sociais, ambientais, políticas e econômicas de dimensões catastróficas, como as que presenciamos no século XXI: ressurgimento do nazifascismo (Mascaro, 2022), crises das democracias ocidentais, crise climática e a mais recente crise sanitária gerada pelo surgimento de um novo vírus.

3. Desmedida Pandêmica: A Sobreacumulação em Tempos de Crise Sanitária

Os efeitos da sociabilidade capitalista e do neoliberalismo se manifestam não só no surgimento dos novos vírus, mas também no controle dos surtos causados por eles e nos efeitos econômicos, políticos e sociais causados pela pandemia. As relações entre o surgimento do SARS-CoV-2, a pandemia e o capitalismo – em sua fase de crise aguda de sobreacumulação – são evidentes (Mascaro, 2020; Sanches, 2020).

As alterações humanas no meio ambiente, sua interação desregulada com o ciclo biológico animal e os efeitos do aquecimento global e do desmatamento das grandes florestas são as principais causas do surgimento de novos vírus recentemente, como o caso da síndrome respiratória do oriente médio (Mers-CoV) e o

novo coronavírus – SARS-CoV-2 –, ou seja, a destruição da natureza por parte do sistema capitalista coloca em risco o equilíbrio biológico da terra (Vargas; Lawall, 2020). Isso é causado pela ausência de fiscalização dos Estados nacionais, realidade que é fruto não só de uma política neoliberal de retirada do papel do Estado na vida social, mas da própria sociabilidade capitalista, assentada em uma cultura individualista de consumo exacerbado e degradação do meio ambiente.

Até o final de 2020, a Organização Mundial da Saúde³ registrou mais de 80 milhões de casos confirmados e quase 2 milhões de mortes em todo o mundo. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴ destacou que o país enfrentou uma retração econômica de 4,1% em 2020, a maior desde 1996. O Banco Mundial⁵ destacou que a economia global encolheu 4,3% em 2020, a pior recessão desde a Segunda Guerra Mundial, evidenciando a desvalorização do capital em escala global.

Esta tendência de desvalorização do capital, especialmente evidente na economia dos Estados Unidos, tem sido uma característica persistente do capitalismo contemporâneo. A pandemia, com suas interrupções significativas nas cadeias de suprimentos globais, exacerbou essa tendência, reduzindo ainda mais as oportunidades para investimentos produtivos e ampliando a desvalorização do capital (Mascaro, 2020, p. 15).

A pandemia do coronavírus revelou a desmedida do sistema de forma chocante. A incessante busca por lucro levou a decisões que priorizaram a economia em detrimento da saúde pública, intensificando a crise sanitária e, conseqüentemente, a crise econômica. O IBGE⁶ apontou que, enquanto setores como o de serviços e turismo enfrentaram retrações significativas, o setor financeiro viu um aumento nos lucros, evidenciando e reforçando a desigualdade na distribuição de riqueza durante a pandemia.

As demissões em massa que ocorreram durante os regimes de quarentena ao redor do mundo fizeram com que o trabalho humano se desvinculasse de vez da produção de valor, processo que já vinha ocorrendo, como vimos, desde a década de 70, e teve na pandemia um fator que impulsionou mais ainda esse processo, elevando a níveis catastróficos a desmedida do capital (Mascaro, 2020).

3 World Health Organization. WHO Coronavirus Disease (Covid-19) Dashboard, 2020

4 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contas Nacionais Trimestrais, 2021.

5 Banco Mundial. Global Economic Prospects, 2021.

6 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contas Nacionais Trimestrais, 2021.

A crise sanitária se tornou um espelho, refletindo as contradições inerentes ao sistema capitalista. Mascaro (2020, p. 9) critica o sistema capitalista, que reduz as relações sociais a meras relações de troca de mercadorias, e argumenta ainda que a crise da Covid-19 não é apenas uma crise sanitária, mas também é influenciada por determinações históricas e sociais (Mascaro, 2020, p. 7).

O neoliberalismo, uma manifestação estrutural do desenvolvimento do sistema capitalista, desempenhou um papel crucial neste cenário. A ideologia neoliberal, que promove o empreendedorismo e a flexibilização trabalhista, não apenas agravou as desigualdades sociais, mas também tornou certos grupos mais vulneráveis à pandemia e seus efeitos econômicos. A precarização do trabalho, a desregulamentação dos mercados e a privatização dos serviços públicos, todos pilares do neoliberalismo, contribuíram para uma resposta inadequada à pandemia em muitos países (Mascaro, 2020).

A relação entre a pandemia e a crise de sobreacumulação é, portanto, intrínseca. A pandemia intensificou a crise econômica, que já estava em andamento devido à crise de sobreacumulação. Além disso, a resposta neoliberal à pandemia exacerbou as desigualdades sociais e econômicas, tornando o contexto de crise ainda mais profundo. O domínio da esfera produtiva pelo setor financeiro tem levado a uma lógica de preços baseada em expectativas e especulações e uma ênfase na propriedade privada, em vez de valores reais baseados no trabalho como produtor de valor, tornando a vida da classe trabalhadora cada vez mais difícil.

Segundo Mascaro (2020, p. 15):

[...] Tal qual 2008, o ano de 2020 revela um padrão estrutural de crise da valorização do valor no capitalismo mundial. A crise do capital financeiro-especulativo já vinha, nos primeiros meses de 2020, se pronunciando de modo a afetar amplos setores da economia pelo mundo. No entanto, para além de 2008, desta vez à crise econômica soma-se o impacto direto, na vivência imediata da sociabilidade, da pandemia [...]. O atrito e o incômodo às subjetividades serão muito maiores que o da crise anterior.

A pandemia do coronavírus não é um evento isolado, mas uma manifestação das contradições profundas e estruturais do sistema capitalista. A crise de sobreacumulação e a desmedida do capitalismo encontraram na pandemia um terreno fértil para se potencializar e agudizar. As perspectivas para o futuro do

capitalismo são incertas e apontam para apenas duas saídas possíveis: superação histórica do modo de produção ou abrindo novas possibilidades de acumulação. Segundo Mascaro (2020, p. 20) “a crise é a solução da crise”.

4. Considerações finais: perspectivas de luta

Verifica-se, portanto, que a crise atual da sociedade humana não é uma crise do neoliberalismo, o neoliberalismo foi apenas uma saída pensada pelo grande capital para atravessar a crise de sobreacumulação e manter sua dominação global, a crise atual é uma crise do próprio modo de produção capitalista e de suas formas sociais saturadas (Mascaro, 2020, p. 9), crise essa agudizada pela pandemia da Covid-19 e que traz, passada a emergência sanitária, um contexto de avanço do setor financeiro do grande capital sobre os países do sul global, que procuram uma saída sustentável de recuperação econômica.

Mascaro (2020) sugere que a pandemia pode abrir novas possibilidades históricas para mudanças sociais, avaliando “possibilidades de superação dessa ordem social, a partir do agravamento da crise estrutural somada à crise sanitária” (Guimarães, 2021, p. 278). No entanto, ele também adverte que, sem uma resposta social, o capitalismo pode se intensificar, e em um contexto de avanço da financeirização, crise de sobreacumulação e exclusão extrema do trabalho humano do processo produtivo, essa intensificação se torna devastadora.

Mascaro (2022, p. 119) ressalta também que são em contextos de crise como o nosso que as piores mazelas sociais, como o fascismo, prosperam, inclusive com a anuência da forma Estado e da forma jurídica, pois, sendo essas formas sociais especificamente capitalistas, elas garantem o fascismo como um mecanismo do capital para assegurar sua reprodução e aumento da taxa de lucro:

[...] Se deve pensar o fascismo com base na forma política estatal e na forma de subjetividade jurídica, porque enquanto houver uma sociedade cindida em classes – e uma explora a outra –, baseada na forma mercadoria, haverá uma forma política e uma forma jurídica correspondentes que garantem o capital [...] Estado e direito sempre, potencialmente, desempatam em favor do capital, em margens fascistas se necessário.

O momento é de possibilidades abertas, como indica o campo marxista, pois é nesse estágio da crise do modo de produção que se torna possível sua mudança estrutural através da revolução. Ainda há esperança na luta, porém, a união e a consciência de classe da classe trabalhadora são essenciais para enfrentar e superar as crises atuais.

O momento pós-pandêmico, marcado por crises econômicas e sociais, revela as contradições profundas do sistema capitalista, amplificadas pela sobreacumulação e pela desmedida na busca incessante por lucro. Esta conjuntura, ao expor as fragilidades e desigualdades inerentes ao capitalismo, cria um terreno fértil não só para o avanço do nazifascismo, mas também para potencialidades revolucionárias.

Segundo Mascaro (2020, p. 22-23):

[...] Não há uma teleologia da história. Não se pode inferir que da crise do capitalismo advenha o socialismo. É possível, mesmo – quiçá mais provável – que a crise do capitalismo se resolva mantendo-se a própria crise como padrão ou, então, salvando-se a acumulação mediante seu recrudescimento neoliberal, reacionário, com modalidades fascistas. Ocorre que a sociabilidade não tem em suas formas uma garantia de reprodução perfeita, nem funcional nem necessária. Elementos de divergência, antagonismo, conflito, contradição, em sociedades concorrenciais e de interesses contrapostos, podem deflagar processos estruturais de câmbio social [...] É chegado o momento da tentativa não só de reagir ao capital com remendos ou com clamores de misericórdia. Crise econômica e alteração brusca das subjetividades podem permitir a luta socialista.

A crescente insatisfação popular, aliada à necessidade de transformações estruturais, pode catalisar movimentos sociais e políticos que buscam alternativas. Neste cenário, a luta de classes pode assumir um caráter mais radical, abrindo espaço para propostas e ações que desafiam a lógica capitalista e apontam para a construção de uma nova sociabilidade. Os movimentos sociais emergem como protagonistas essenciais neste cenário, atuando como contrapontos críticos às falhas e contradições do sistema capitalista. Eles não apenas vocalizam as insatisfações e demandas das massas, mas também articulam alternativas concretas,

desafiando a lógica dominante e propondo novas formas de organização social, econômica e política.

Em um mundo marcado pela crise de sobreacumulação e pela desmedida, os movimentos sociais têm a capacidade de mobilizar diferentes segmentos da sociedade, unindo-os em torno de causas comuns e promovendo o fim da forma mercadoria. Eles desempenham um papel crucial na redefinição das relações sociais, pressionando por mudanças estruturais e defendendo uma nova sociabilidade. Ao fazer isso, os movimentos sociais não apenas contestam o modo de produção capitalista, mas também pavimentam o caminho para uma transformação revolucionária, onde as necessidades e aspirações da coletividade são colocadas no centro das decisões e ações.

Dennis de Oliveira (2014), em sua análise sobre os movimentos sociais, destaca a centralidade dos mesmos como agentes de transformação social. Ele compreende que, em um contexto de crise estrutural do capitalismo, os movimentos sociais têm a capacidade de rearticular a luta de classes, trazendo para o centro do debate político as demandas das classes subalternas. Estes movimentos, ao se oporem às lógicas de exploração e opressão do capital, têm o potencial de construir alternativas concretas ao sistema vigente, apontando para a possibilidade de superação histórica do modo de produção capitalista.

Os movimentos sociais contemporâneos têm demonstrado uma capacidade notável de inovação e resiliência diante dos desafios impostos pelo capitalismo globalizado. Tomemos, por exemplo, as ocupações urbanas organizadas por movimentos de moradia em grandes centros urbanos. Estas ocupações, mais do que simples reivindicações por um teto, questionam a lógica mercantilista do espaço urbano e propõem novas formas de viver a cidade, baseadas na solidariedade, na cooperação e no direito à cidade para todos.

Outro exemplo emblemático é a luta dos movimentos camponeses, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil. Além da reivindicação por terra para cultivar, o MST propõe um modelo de produção agroecológica, contrapondo-se ao agronegócio e à lógica do lucro a qualquer custo. Suas práticas de produção e cooperação apontam para uma relação mais harmônica com a natureza e para a possibilidade de uma alimentação saudável e acessível para todos.

A resistência indígena, por sua vez, traz uma crítica profunda ao modelo de desenvolvimento predatório, defendendo a relação respeitosa com a natureza e os saberes tradicionais. Em muitos casos, os povos indígenas têm se aliado a outros movimentos sociais em defesa dos territórios e dos bens comuns, enfrentando grandes corporações e projetos extrativistas.

Além disso, os movimentos feministas e LGBTQIA+ têm desafiado as estruturas patriarcais e heteronormativas, propondo novas formas de relacionamento e de construção da identidade, que rompem com as lógicas opressivas do capitalismo. Suas lutas vão além da reivindicação por direitos, propondo uma transformação profunda nas relações de poder e gênero.

Estes movimentos, em suas práticas concretas, demonstram que a superação do capitalismo não é apenas uma questão de transformação econômica, mas também cultural, social e política. Eles trazem em seu cerne a semente de uma nova sociedade, baseada na justiça, na igualdade e na solidariedade, culminando na criação de um novo tipo de sociabilidade e novas relações de produção. A convergência destas lutas, em um projeto político comum, pode ser a chave para a construção de uma alternativa socialista ao capitalismo, onde as necessidades e aspirações da maioria da população são atendidas e respeitadas.

Desse modo, vemos que a realidade atual dos movimentos sociais é marcada por uma diversidade de lutas e demandas que, embora possam parecer fragmentadas, convergem para uma crítica profunda ao sistema capitalista. Seja na luta contra o racismo, pela terra, pelo direito à cidade, contra a precarização do trabalho ou pela justiça ambiental, os movimentos sociais têm demonstrado uma capacidade ímpar de resistência e proposição. Eles desafiam a lógica capitalista não apenas em suas manifestações mais visíveis, mas também em suas raízes mais profundas, questionando os valores e as práticas que sustentam a ordem vigente.

Concluimos, portanto, que em um contexto de crise profunda os movimentos sociais emergem como a vanguarda da luta por uma nova sociabilidade. Eles carregam consigo a promessa de um mundo mais justo, solidário e democrático, onde o bem-estar coletivo prevalece sobre os interesses de uma minoria. A luta de classes, rearticulada e potencializada pelos movimentos sociais, aponta para a possibilidade concreta de construção do socialismo, onde as relações de produção e de poder são radicalmente transformadas em prol da maioria da população, ou seja, os produtores.

5. Referências bibliográficas

BANCO MUNDIAL. Global Economic Prospects. 2021. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/publication/global-economic-prospects>. Acesso em: 09/08/2023.

BOITO JÚNIOR, A. Indicações para o estudo do marxismo de Althusser. **Novos Temas**. São Paulo, n. 9, 2014, p. 153-182. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3161715/mod_resource/content/1/BOITO%20JR.%2C%20Armando.%20Indica%C3%A7%C3%B5es%20para%20estudo%20do%20marxismo%20de%20Althusser.%20Novos%20Temas.pdf. Acesso em: 20/07/2023.

GRESPLAN, J. A crise de sobreacumulação. **Crítica Marxista**. Campinas, n. 29, p. 11-17, 2009. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie50dossie1.pdf. Acesso em: 02/08/2023.

_____. **Marx: uma introdução**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

GUIMARÃES, K. C. Resenha: Crise e Pandemia. **Em Pauta**. Rio de Janeiro, n. 48, v. 19, p. 276-281, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/download/60316/38422>. Acesso em: 04/08/2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Contas Nacionais Trimestrais. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-contas-nacionais-trimestrais.html?=&ct=resultados>. Acesso em: 09/08/2023.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017a.

_____. **O Capital: crítica da economia política: Livro II: o processo de circulação do capital**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017b.

MASCARO, A. L. **Estado e forma política**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Crise e Pandemia**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

_____. **Crítica do fascismo**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

OLIVEIRA, D. Movimentos sociais e uma nova cultura política em tempos de ação direta do capital. **Aracê – direitos humanos em revista**. São Paulo, n. 1, p. 89-109, 2014. Disponível em: <https://arace.emnuvens.com.br/arace/article/view/9>. Acesso em: 04/10/2023.

SANCHES, R. A. M. A Covid-19 a serviço da necropolítica brasileira. **Boletim de Políticas Públicas**. São Paulo, n. 7, p. 43-49, 2020. Disponível em: https://sites.usp.br/boletimoipp/wp-content/uploads/sites/823/2020/12/Boletim_OIPP_novembro_2020.pdf. Acesso em: 09/08/2023.

VARGAS, K. B; LAWALL. S. Reflexões Biogeográficas acerca da origem, hipóteses, dispersão e distribuição dos Sars-CoV-2 (Coronavírus). **Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 24, p. 1-32, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/45302>. Acesso em: 08/08/2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard, 2020. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 09/08/2023.

